



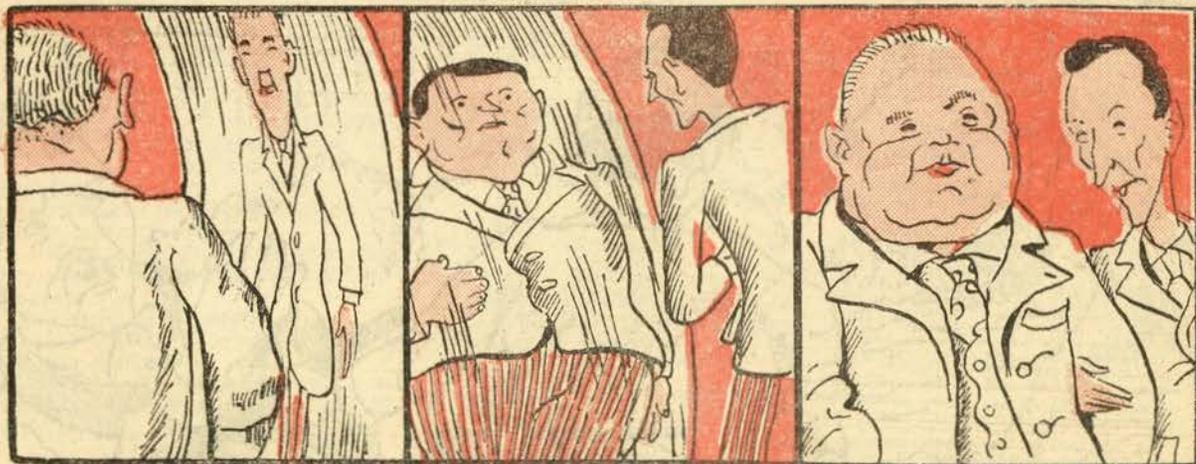
SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

DIRECTOR  
AUGUSTO**O SECULO**DE SANTA  
RITA**PIPA E PIPO**

I — Meninos: — O «Ti'Manel», por «Pipa» mais conhecido, era de veras nutrido, rotundo como um tonel.

II — Ao contrário, o «Ti'Jacinto», que tinha a alcunha de «Pipo», era o autêntico tipo do magrizona faminto.

III — Sempre que os dois se encontravam era sabido que riam; logo as piadas ferviam, e um do outro ambos troçavam.



IV — Num côncavo espelho, um dia, o «Pipa», vendo-se magro, sentiu dentro d'alma um trago a fel, — oh mas que ironia!...

V — Entanto, o «Pipo» no espelho convexo, que estava ao lado, viu-se tão avantajado, que ao outro deu por conselho

VI — não mais rirem do seu porte calarem os seus despeitos, e viverem satisfeitos, cada qual com sua sorte!

# O P A S T O R

Por MANUEL DA SILVA ROCHA FELGUEIRAS

**O** meu amigo José de Castro é um valente e apaixonado caçador profissional.

A carabina foi, talvez, a única herança que seu pai lhe deixou e que o fez correr as cinco partidas do mundo para caçar um leão em Africa, matar um tigre na India ou obter um urso branco no Polo Norte.

As suas aventuras contam-se aos centos e, sempre que o encontro, tem uma história para me contar, o que ele faz com grande modéstia e desinteresse.

A última que me narrou, sensibilizou-me de tal maneira que não resisti à tentação de a contar aos nossos amiguinhos leitores.

Eis, pouco mais ou menos, o que ele me relatou:

—Um meu amigo, abastado lavrador em Manteigas, convidou-me, em tempos, para uma batida aos lobos, que ele e os vizinhos tencionavam realizar numa das próximas noites.

«A alarmante situação em que se encontravam, assim o exigia, pois rara era a noite em que os lobos não desciam ao povoado para assaltar os currais onde, quasi a sossêgo, devoravam algumas ovelhas.

«A batida realizou-se na noite do mesmo dia em que cheguei.

«A noite estava escura e frigidíssima. A nortada gelada, gretava-nos a pele do rosto e, muitas vezes, estive-mos prestes a escorregar do alto de algum precipicio ou a quebrar a cabeça nalgum rochedo.

«No fim de tantos trabalhos, a batida não surtiu o efeito desejado. Começava a raiar a manhã quando regressámos ao povoado, fatigadissimos e meio entorpecidos pelo frio, apenas com dois miséros lobos abatidos pela carabina do meu amigo lavrador.

«Logo que cheguei, deitei-me para des-



cançar das emoções daquela noite perdida mas não pude reconciliar o sono. Os lobos uivavam nas quebradas da serra e os cães, farejando-lhes o rasto, ladravam, furiosos, presos nas suas casotas.

«Tinha a impressão de que o uivar dos lobos e o ladrar dos cães, me faziam febre e incitavam a pegar na carabina para dar caça às feras.

«Foi o que fiz ao fim de algum tempo de hesitação. Saltei da cama, carreguei a carabina e, sem mesmo soltar os cães, passei a sebe e embrenhei-me na serra.

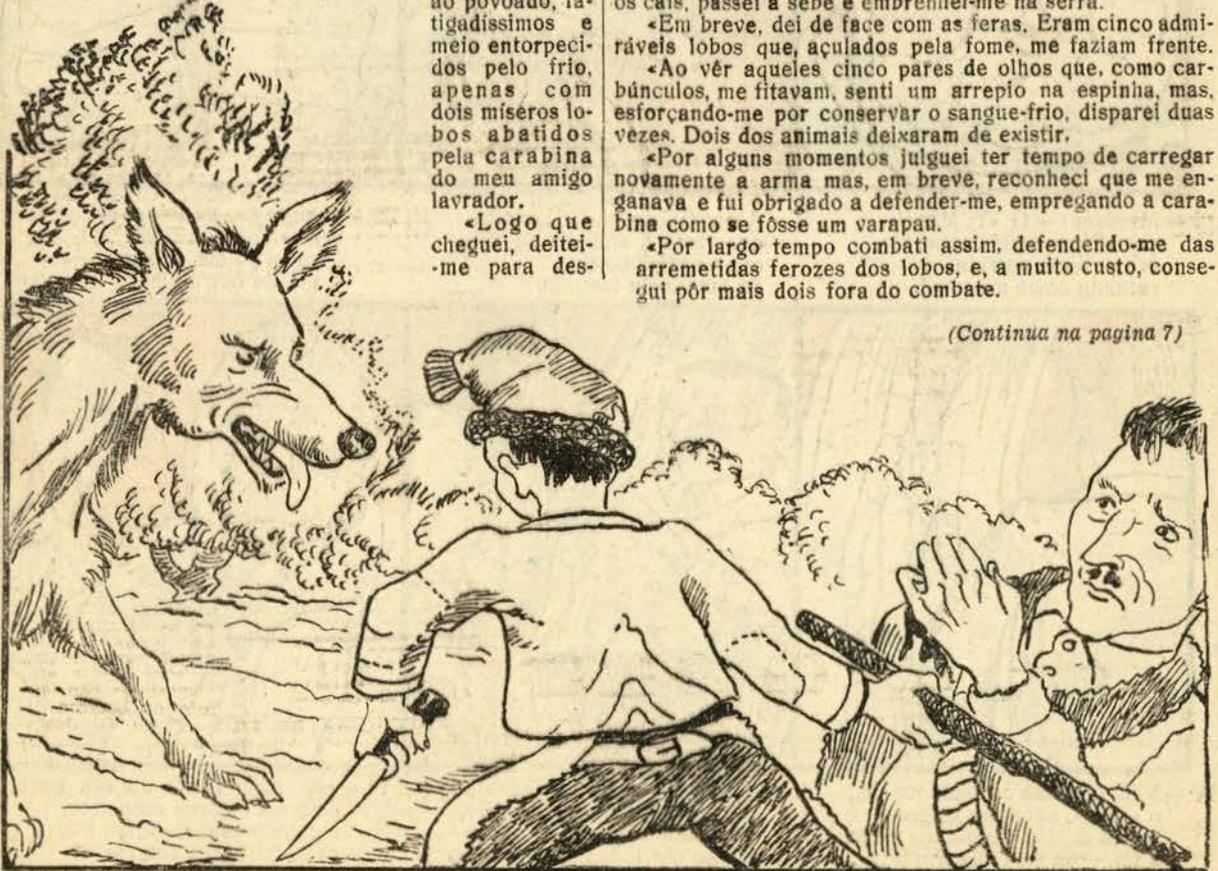
«Em breve, dei de face com as feras. Eram cinco admiráveis lobos que, açulados pela fome, me faziam frente.

«Ao vêr aqueles cinco pares de olhos que, como carbúnculos, me fitavam, senti um arrepió na espinha, mas, esforçando-me por conservar o sangue-frio, disparei duas vezes. Dois dos animais deixaram de existir.

«Por alguns momentos julguei ter tempo de carregar novamente a arma mas, em breve, reconheci que me enganava e fui obrigado a defender-me, empregando a carabina como se fosse um varapau.

«Por largo tempo combati assim, defendendo-me das arremetidas ferozes dos lobos, e, a muito custo, consegui pôr mais dois fora do combate.

(Continua na pagina 7)



# MARIA HELENA

Por MARIA DO CARMO CARVALHO  
Menção honrosa do concurso

Quantos tesoiros, — quantos! — já encerra,  
Dentro do pequenino coração,  
Maria Helena, encanto e sedução,  
Anjo divino que desceu à terra.

Tem a dormir tão sedutor sorriso,  
A romper da boquita nacarada,  
Que Deus, por fôrça, fez assim a entrada  
Da almejada mansão do Paraíso.

Inunda-nos de luz, de claridade,  
Ao abrir os seus olhos muito puros,  
Cariciosos, húmidos, escuros,  
Repletos de ternura e suavidade.

Tem nesses olhos cândidos, liais,  
Um brilho de inocência que seduz,  
Afaça, dulcifica, enche de luz,  
A alma dos irmãos, irmãs e pais.

Se chama pela mãe ao despertar,  
A sua linda voz melodiosa,  
Meiga, doce, cantante, harmoniosa,  
Dum rouxinol semelha o gorgear.

As suas mãos, rosadas e patricias,  
Macias, leves, frágeis, delicadas,  
Parecem mãos de benfazejas fadas,  
Espalham sempre afagos e carícias.



Se alguém bem faz, tôda ela se consola,  
E, sendo boa, sendo só meiguice,  
É capaz de fazer uma perrice,  
Se vem um pobre e não lhe dão esmola.

Tem requintes de amor e de carinho,  
P'ró seu boneco sem braços nem pernas;  
Enche-o de beijos, diz-lhe coisas ternas,  
Quer-lhe inda mais por ser aleijadinho.

Quantos tesoiros, quantos já encerra  
Dentro do pequenino coração  
Maria Helena, encanto e sedução,  
Anjo divino que desceu à terra.

F I M

# CONTO DO NATAL

Por MANUEL FERREIRA

— **B**OA tarde, tia Helena!  
— (saúdaram Necas e Leonor, com entusiasmo) — Esperámos por si, no dia de Natal.  
A recém-chegada sorriu-se, beijou os sobrinhos e retor-

qui-lhes:  
— «Não me foi possível aparecer. Então, esperaram-me?»  
— «Sim, minha tia. Julgávamos que nos viesse contar um historiazinha das suas...»  
D. Helena perguntou:  
— «Olhem lá: puzeram os sapatinhos na chaminé?»  
— «Puzemos. — (responderam os pequenos) — E o Menino-Jesus deu-nos muitos brinquedos.»  
— «O que te deu, Necas?»  
— «Deu-me uma caixa de aquarelas, livros para colorir, construções para armar e outras coisas bonitas.»  
— respondeu o Necas.

— «E a ti, Leonor; o Menino-Jesus deu algum bonito?»  
— «Ora se deu!» — (respondeu a pe-



quena, com júbilo) — Uma boneca, uma mobília, livros de estampar, etc.»  
A boa senhora perguntou:  
— «Vocês sabem de onde vem o costume de se pôr os sapatos na chaminé?»  
— «Não, tia. Conte, conte...» — pediram Necas e Leonor, entusiasmados.  
A tia começou:  
— «Aprendi esta lenda na Ilha-de-França, onde passei o Natal.  
Conta-se lá que S. Crispim e S. Crispiniano, advogados dos sapateiros, andavam à toa, perseguidos, nos arredores duma terreola chamada Crepiz-en-Valois.  
«Em noite agreste e invernosa de Natal, cheios de fome e de frio, vagueavam sem lar e sem pão...»  
— «Coitadinhos!» — (interromperam os pequenos) — E depois?»  
— «Finalmente, conseguiram dormir, por esmola, na cabana duma po-

(Continua na página 6)

# INIMIGOS... AMIGOS

Por JOSINO AMADO

1.º PRÊMIO

DO

CONCURSO DE POESIA INFANTIL

Quando o Ti Zé da Cruz, em dois de Outubro,  
Veio matricular o seu Manuel,  
Falou, assim, ao mestre, o rosto rubro  
Mais do que o sangue e o peito todo em fel:

— «Peço para não pôr o meu pequeno  
Ao pé do Abel, filho do Zé da Eira;  
Como sabe, é um homem só veneno,  
E o filho pode ser de igual maneira.

Inimigo mortal! Por nada quero,  
Que ao pé do dêle o meu filhinho sente!  
E fique-se com Deus, pois eu espero  
Que há-de fazer essa vontade à gente.»—

O mestre respondeu: — «Senhor, eu penso,  
Que aqui só deve haver fraternidade,  
Porém, visto existir um ódio imenso,  
Nada custa fazer essa vontade.»—

E o tempo foi passando... dias, meses,  
A cultivar gastou o professor  
Nos tenros corações dos portugueses  
A semente do bem, da paz, do amor.

Num dia festival de primavera  
Fôram mestre e alunos passear.  
Pelas encostas, a paisagem era  
Admirável, formosa de encantar.



Vão à beira do rio, belo mapa,  
Feito pelo litógrafo — Natura!  
Pode o aluno apontar, não o esfarrapa,  
Nem suja a universal nomenclatura.

O professor dá ordens para a luta:  
A primeira e a segunda vão fazer,  
Em carteiras de tósca pedra bruta,  
Desenhos natural, que apetecer.

Terceira e mais a quarta, um pouco acima,  
Vão com êle a passar a geografia.

O tempo está formoso e tudo anima  
A fixar as noções que dar queria.

O mestre está contente, entusiasmado  
E contentes estão os pequenitos,  
Sem se sentir, o tempo vai passado,  
Quando, súbito, soam muitos gritos!

— «O que foi?! O que foi?!» — chei de mágoa  
Diz o mestre, correndo pressuroso,  
E, quando perto chega, vê à água  
Saltar o Abel, sereno, corajoso!

Ao fundo fôra rápido o educando,  
E mui poucos instantes decorridos,  
Volta ao cimo, nadando e transportando  
O Manuel, amarelo, sem sentidos!

O mestre chega à margem a ajudá-lo  
A tirar para fora o petizinho,  
Começando, em seguida, a reanimá-lo  
Com arte, com cuidado e com carinho!

E, passados momentos, felizmente,  
Voltou de novo a si o bom Manuel,  
E a alegria dos rostos, resplendente,  
Afugenta a aflição negra, cruel.

Todos quiseram dar aos companheiros  
Alguma roupa, com que se mudaram.  
Pouco depois, ditosos, prazenteiros,  
A' escola, novamente, regressaram.



# A PARTIDA DO PARDALICO

Por VIRGINIA LOPES DE MENDONÇA

**N**UMA certa árvore frondosa, viviam uma data de famílias de pardais.

Num telhado pertinho, vivia um gato temível pela sua voracidade.

Quando os meninos pardais começavam a voar, logo os pais os preveniam contra o bichano feroz que tanta vítima fizera, já, entre a pardalada.

Os seus piús diziam:



Da trasmontana aldeia, logo à entrada dos dois heróis os pais, a trabalhar, andavam cada qual numa tapada, parando ambos a verem-nos passar.

Então, o professor fez alto à leda, sussurrante e viva multidão, impressionado, chama-os à vereda, contando-lhe do Abel a nobre acção!

Depois, pegou na mão dos dois pequenos, ante o espanto da gente comovida, disse-lhes: — «Acabem os venenos, abraçai-vos e amai-vos tôda a vida!!!...» —

Então, o Zé da Cruz, humilde, heróico, chorando foi beijar os dois rapazes, ao ver o Zé da Eira, disse, estóico: — «Façamos nós, também, por Deus, as pazes!!!...» —

Os dois homens, num gesto de beleza, abraçam-se, esquecidos do rancor.

O mestre diz: — «Cantai «A Portuguesa», que reina em Portugal, enfim, o Amor!» —

— «Que grande papão, é o gatarrão que tem mau olhado! Não vão p'ró telhado, ponham-se a voar, p'ra outro lugar.»

E os pardalicos, seguindo os conselhos paternos, afastavam-se dali, atemorizados, com os olhos chamejantes e as unhas ameaçadoras do gato do telhado.

Mas, entre as novas ninhadas, havia um menino pardal muito mais azougado e espertinho que os outros.

Pois esse pardalico apostou que faria uma partida de estalo ao gato maldoso.

Sem querer ouvir os piús aflitivos dos pais, que lhe recomendavam prudência, o atrevido pôs-se a saltitar em frente do inimigo.

Este, que, de longe, lhe fazia pontaria, armou um salto certo e caiu sobre ele.

Ao vêr-se nas garras do bichano, o nosso herói não perdeu o sangue-frio.

No próprio momento em que o gato se dispunha a engulí-lo e já na árvore vizinha se ouvia o piar lamentoso da pardalada, chorando a morte do companheiro, o esperto pardalico pipiou:

— «Senhor gatarrão: as pessoas finas lavam-se, sempre, antes de comer.»

— «Tens razão!» — disse o gato, que se prezava de pertencer à melhor sociedade da gataria.

E vai, muito tenso, largou o pardal para proceder à lavagem do focinho.

Está bem de vêr que o pardalico desatou logo a voar para a sua árvore.

Dali, juntamente com os outros, numa assuada, entoaram todos em côro:

— «Piu, piu, piu, piu, piu, piu, piu, nunca no mundo se viu



um pardal tão pequenino, com fama de não ter tino, pregar partida medonha a gato de tanta ronha!»

Furioso, o gatarrão, para os não ouvir, deu às de Vila-Diogo e resolveu mudar de poiso, procurando outro telhado, onde não aparecessem pardalicos tão endemoninhados como o da nossa história.

Mas, para o futuro, ficou-lhe de emenda aquele vexame que sofrera.

Jurou que nunca mais lavaria o focinho antes de jantar; guardaria as lavagens para depois.

■ F I L M ■

## U m j ô g o i n f a n t i l

Este simplicíssimo mas interessante jôgo infantil que, hoje, o «Pim-Pam-Pum» vos oferece, destina-se a duas pessoas..

Um dos jogadores toma para si as fichas vermelhas, cedendo ao seu antagonista as fichas pretas, depois de recortadas e coladas em cartolina, e dão comêço ao jôgo. Colocam, então, — ora um, ora outro, — as respectivas fichas nas rodela brancas, indicadas no desenho. Como o objectivo do jôgo, consiste em colocá-las em linha, ou seja, no sentido vertical, diagonal ou horizontal, o antagonista fará por impedir tal *desideratum*, colocando a sua ficha na rodela que falta preencher, até que um se distraia, o que acontece frequentemente, cansado de mudar as respectivas fichas, e perca, portanto, o jôgo.

## CONCURSOS MENSAIS

Decisão do Júri

Não havendo possibilidade de examinar, devidamente, todas as provas relativas aos nossos *Concursos Mensais*, e referentes ao mês de Novembro, no prazo de dois dias, e não querendo demorar a sua decisão, o Júri resolveu publicar já hoje o apuramento final do *Concurso de poesias infantis*, deixando, para a próxima semana, a classificação do *Concurso de contos*, entregues até ao último dia do respectivo mês.

Assim, após conscienciosa leitura dos originais presentes, entendeu o Júri de toda a justiça conceder o primeiro prêmio a poesia que publicamos hoje, intitulada: — «Inimigos... amigos», de Josino Amado, entregue sob o pseudónimo de «Poeta das Fragas» e uma menção honrosa à poesia: — «Maria Helena», de Maria do Carmo Carvalho Inseta, também, no número de hoje e outra à poesia: — «Crianças», de Carlos F. Carvalho.

# UM HERÓI

Por FELIZ VENTURA

Ao José Cardigos, para que ensine os seus escuteiros a serem leais e bons



lizou como numa estrada de rosas. Era sempre o primeiro a cumprir o seu dever. Nunca recebera uma repreensão do chefe; pelo contrário, era, constantemente, elogiado.

A-pesar-de ser, havia pouco ainda, escoteiro, no seu peito já brilhavam quatro medalhas com que fôra agraciado pelos inúmeros serviços que prestára. E assim passaram dois anos, que para Ofélio pareceram dois dias, até que chegou uma manhã fria de inverno, tão fria, que mesmo os pescadores, habituados à faina violenta do mar e a todos os seus rigores, se sentiam estremeecer.

Todos sabiam que o mar estava embravecido, que as ondas saltavam com enorme violência, indo quebrar-se de encontro às rochas, desafiando os mais temerários, que, por acaso, se aventurassem a êle. Mas que fazer senão avançar à falta de outro recurso? O mar, cheio de perigos e tradições, ainda era para êles o seu me-

**O** FÉLIO saltára ligeiramente da cama e, com modos nervosos, começára a vestir-se a tóda a pressa. Nessa noite não conseguira adormecer. Os seus olhos brilhavam num intenso fulgôr, e o sorriso, que lhe afluava aos lábios, traduzia a grande alegria de que estava possuído, pois parecia gritar que a sua grande aspiração--ser escoteiro!--sonho que tanto acalentára na sua imaginação, se ia, enfim, tornar em realidade.

Os pais, depois de inúmeras recusas e protestos violentos, ao verem que o não conseguiam dissuadir de tal idéa, resolveram dar o seu consentimento.

Ofélio ficou doido de alegria. Quasi não acreditava em semelhante ventura. Parecia-lhe tudo um sonho. Desde êsse dia, êle, que andava sempre melancólico, tornou-se duma vivacidade extraordinária, a pontos de causar pasmo a todos uma tão rápida transformação.

E assim chegara, finalmente, a manhã em que faria a sua promessa de honra.

Até o sol se mostrava risonho, a-pesar-de ser um dia de inverno. Com movimentos febris, envervou rapidamente a simples farda, ainda sem distintivos, da patrulha a que pertenceria e abalou, em corrida louca, a

caminho da Séde, onde os seus companheiros se encontravam já, recebendo as ordens do chefe, relativas à cerimónia que se ia realizar. E foi com intensa comoção que, horas depois, prestava o seu compromisso de ser, daí em diante, bom e leal.



Quando, à tarde, regressou a casa, os seus primeiros passos foram para o oratório, onde, por entre lágrimas, agradeceu ao Senhor a grande graça que lhe havia concedido.

Daí em diante, a vida para si des-

## CONTO do NATAL

(Continuação da página 3)

bre viuva que vivia com o seu único filhinho. Eram pòbrezinhos mas bondosos...

—«E depois?» — exclamavam Leonor e Necas, ansiosos pelo final.

—«Os dois santos cearam. A consoada era pobre. Fôram, depois, deitar-se e viram que, na chaminé, estavam os sapatos da criança que iam ser queimados, pois já não serviam para nada. E só Deus sabia se a pobre mulher teria dinheiro com que comprar outros...»

«Então, S. Crispim concertou, com as suas ferramentas, os sapatos, que ficaram como novos...»

—«Ainda bem!» — (interrompeu Necas) — Que acção tão linda...»

—«Em seguida, — (continuou D. Helena) — rezaram, pedindo a Deus que recompensasse a pobre viuva que, com tanto sacrificio, os acolhera nessa noite fria de Natal.

Oiçam, agora, o resto. De manhã retiraram-se, depois de terem aben-



çoado a criança. Quando a viuva foi à lareira, viu os sapatos novos e cheios de moedas de ouro.»

—«Foi um milagre!» — concluiu Leonor.

—«Quem dá aos pobres...» — (observou Necas).

— Foi daí, então, que veio o costume das crianças colocarem os sapatinhos na chaminé? »

—«Sim.» — (retorquiu D. Helena) — E já vêem que, mesmo longe, não me esqueci dos meus sobrinhos e aprendi algumas histórias.»

REFERÊNCIA  
AUXILIAR

Apresentamos, hoje, a igreja dum convento que foi séde da ordem de Cristo. Atribue-se a sua fundação a D. Gualdim Pais, julgando-se ter este fidalgo trazido artistas da Palestina para a sua construção.

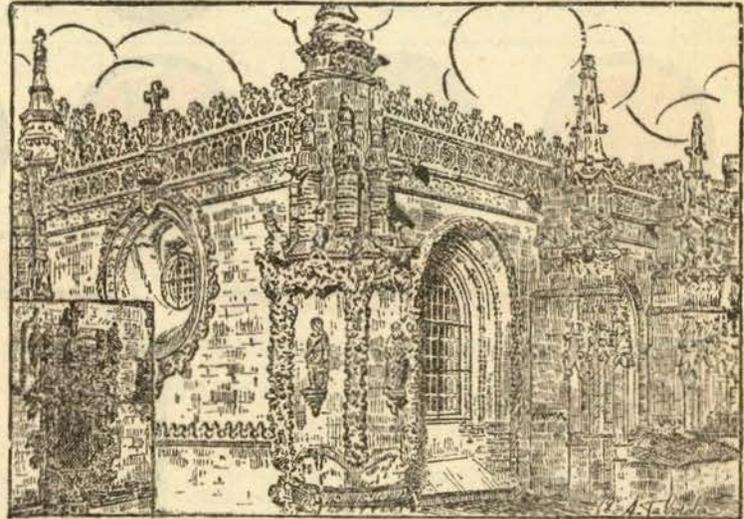
O corpo principal, o côro, as portas e ornatos são de D. Manuel. As cadeiras do côro, foram mandadas executar, em madeira da Índia, por este monarca, segundo o desenho de Miguel Angelo Buonarrotti. Esta dependência foi queimada pelos franceses em 1810.

Tem esta igreja oito cláustros: três anteriores à época de D. João I; o quarto e quinto da época do infante D. Henrique; o sexto é de D. Manuel; o sétimo de João III e o oitavo dos Filipes.

Tem uma artística janela que é da Casa do Capítulo, um dos nossos mais grandiosos trabalhos.

No ano de 1834, entrou o convento na posse do Estado, encontrando-se nele bastantes livros iluminados por Francisco de Holanda.

CONCURSO DOS PALÁCIOS  
E  
MONUMENTOS DE PORTUGAL



O P A S T O R — (Conclusão da página 2)

«Restava o último, e esse tinha quasi a certeza que me mataria porque estava bastante cansado e gravemente ferido num ombro.

«Quando a última esperança de salvação me fugia, vi sair, de entre as árvores, um rapazinho de pouco mais de dōze anos, vestido à maneira dos pastores. Por únicas armas, trazia um grosso pau e uma comprida faca.

«O pequeno, soltando brados e chamando os cães, fez frente à fera, que arremeteu contra o seu novo assaltante.

«O pastor atirou uma violenta paulada à cabeça do lobo, que se desviou rapidamente com um salto formidável, mas, subitamente, vi a mão esquerda do rapaz, armada da faca, vibrar um golpe que apanhou a fera no seu salto.

«O lobo caiu e ainda tentou levantar-se; mas elle não lhe deu tempo e, por três vezes, mergulhou o ferro entre as espáduas do animal.

«O pequeno salvara-me a vida e ainda me ajudou a descer ao povoado onde, pelo espaço de quinze dias, guardei o leito, a-fim-de cicatrizar os ferimentos.»

José de Castro calou-se como já tivesse acabado de contar a sua história e eu, curioso, perguntei:

— «E que fez do pequeno pastor?»

— «Não sei... parece que o adoptei como filho...» — respondeu elle, despedindo-se à pressa e envergonhado da sua bondade.

Realmente, elle adoptou o pequeno e pensa fazer dele um brioso official do exército.

Claro está que rapazinhos, assim, valentes como este, serão dignos de, num futuro mais ou menos próximo, representarem a força armada que fará respeitar a Nação. Não acham?

F I M

lhor amigo, pois dava-lhes tudo o que possuía.

Com estes e outros raciocínios, fizeram-se ao mar duas pequenas lanchas, «O Senhor dos Navegantes» e a «Maria do Mar.»

Horas depois regressou a primeira dizendo os seus tripulantes ser impossível lançar as rédes devido à fúria das ondas. Da «Maria do Mar» não sabiam. O vento enfunára-lhe as velas com violência, e ella, como uma pequena gaivota, singrara para longe, não tornando a apparecer. Isto diziam os velhos pescadores, enquanto arrumavam as rédes para secarem.

Tinham passado duas longas e angustiosas horas para todos os mareantes e demais pessoas que investigavam o mar, a vêr se descobriam algum sinal do pequeno barco, quando, muito ao longe, se divisou uma pequena vela, que voava sobre as ondas de encontro à terra.

Um grito de satisfação safu de todas as bocas, logo seguido de um outro de desespero.

Que se passára?! Fôra a «Maria do Mar» que se voltara, e a sua tripulação, composta de um velho e uma criança, andava, agora, ao sabôr das ondas. Nadaram enquanto puderam mas as forças começaram a faltar-lhes e, em breve, aquelas duas vidas vergariam ao jugo do mar. Vários barcos se aprontaram para os socorrer mas foram logo despedaçados de encontro às rochas.

Ofélio, que presencêra tôdas estas cênas, ao vêr isto, lançou-se à água, nadando com energia de encontro ao barco.

E, dentro em pouco, à população que, na praia, a tudo assistia emocionada, era entregue o corpo inanimado do velho que perdera os sentidos.

Novamente Ofélio se lançou ao mar, mas agora os seus movimentos eram

mais fracos. Ainda conseguiu conduzir à terra o corpo do segundo naufrago, mas, com este violento esforço e devido, também, à sua pouca idade, fraquejou, caíndo redondamente como uma massa na areia molhada da praia. E nunca mais recuperou os sentidos.

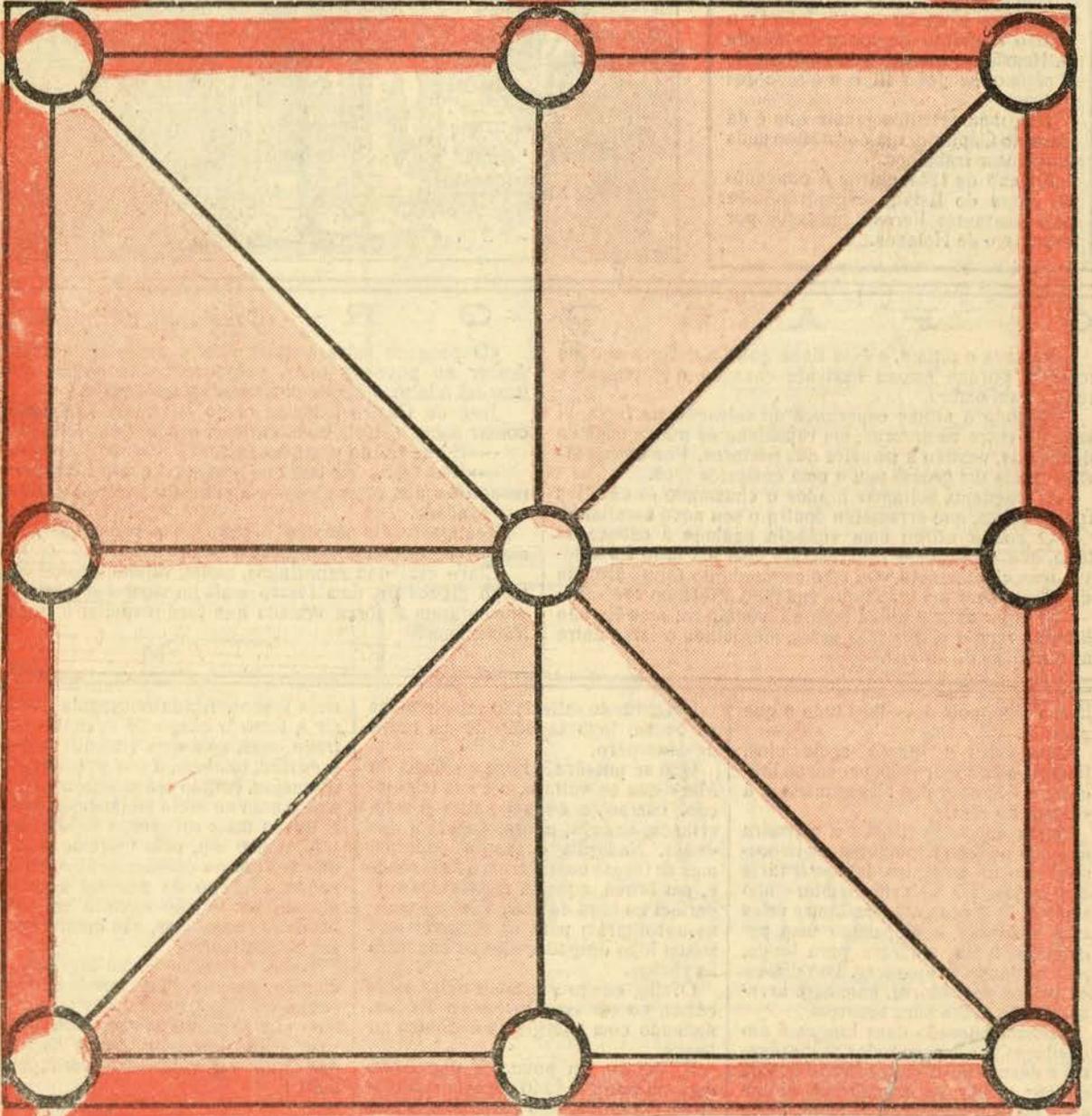
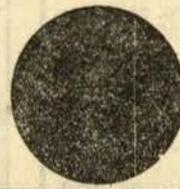
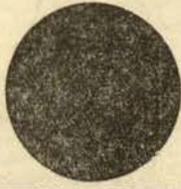
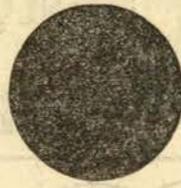
No outro dia, pela ingreme ladeira que vai dar ao cemitério, passava um pequeno grupo de pessoas acompanhando um caixão envôlto em duas bandeiras escotistas, que quatro rapazes conduziam.

Todos os olhos tinham lágrimas, e quando, perto dalgum casebre, o pequeno cortejo passava, havia uns lábios que se uniam numa prece fervorosa para descanso eterno daquele que fôra na vida — um verdadeiro heroi!

F I M

UM JOGO

INFANTIL



VER INSTRUÇÕES NA PAGINA 5